

GALERIA ROMANTICA

JORNAL LITTERARIO, POETICO, E NOTICIOSO.

Anno I.

Domingo, 7 de Agosto de 1864.

N. 2.

PREÇOS ADIANTADOS.

CORTE.

Por um anno.....	10\$000
Por seis mezes.....	6\$000
Por tres mezes.....	3\$000

PROPRIEDADE DE ANTONIO VIEIRA DE ALMEIDA AZEVEDO

Publica-se todos os Domingos e assigna-se na rua Nova do Ouvidor n. 20.
Numero avulso. 300 rs.

PREÇOS ADIANTADOS.

PROVINCIAS.

Por um anno.....	12\$000
Por seis mezes.....	7\$000
Por tres mezes.....	4\$000

GALERIA ROMANTICA.

FERNANDO E MARGARIDA.

ROMANCE.

III. — O amor.

(Continuação)

— Meu Deus! — bradou o moço levantando-se com o semblante radioso de prazer, — dar-se-ha acaso que...

— Que eu o ame? — tornou ella sorrindo-se por entre as suas lagrimas. — Ah! julgava-o mais perspicaz, eu que tinha medo de trahir-me.

E extremamente corada, quiz fugir, mas o mancebo enlaçando-a em seus braços, a deteve, apesar da sua fraca opposição.

— Oh! céos! é então verdade!... Margarida, anjo de minha vida, tu me amas!

A joven mulher não pôde resistir ás sensações que esse amoroso contacto fez-lhe experimentar: abandonando-se ao amplexo do mancebo, e tudo olvidando, balbuciou com as faces incendiadas, o olhar animado, e a voz arquejante:

— Sim, amo-o... e sou tão feliz pelo amar, Sr. Fernão!

— Ah! meu anjo, trata-me com a doce familiaridade, de que já te dei o exemplo... para que esse tom ceremonioso?... Oh! quanto sou feliz... tanta ventura para mim é de mais!

Subito, porém, como se uma cruel lembrança viesse despenhal-o do pinaculo da ventura no abysmo da desgraça, Fernando deixou a moça bruscamente, e cahio desfallecido na poltrona, escondendo o rosto entre as mãos, e chorando amargamente.

— Sr. Fernão, o que é isso? Que mudança é esta? — exclamou Margarida admirada.

— Ah! meu Deus! que cruel desengano! — respondeu Fernando com voz dilacerante. — A ventura cega-nos... faz-nos deslembrar do presente para só cuidar do futuro.

— Mas que tem? Devéras me assusta!

— Quando ha pouco eu lhe dizia que o meu

amor devia ser desgraçado... ah! a senhora não deve compartil-o...

— Nada no mundo ha que possa impedir, nem mesmo...

— Por compaixão, não conclua... seria um sacrilegio!

Margarida encarou o seu amante com assombro... parecia-lhe que elle estava delirando.

— Um sacrilegio! — exclamou. — É impossivel!

— Sou um excommungado e um proscripto! — tornou Fernando com uma voz de partir o coração.

A moça estremeu.

— Excommungado! — balbuciou empallidecendo.

— Sim, excommungado por detestar a hypocrisia... proscripto por odiar a tyrannia.

E seguiu-se uma nova pausa, em que ambos não ousarão olhar um para o outro.

— Bem vê, pois; — continuou o mancebo enxugando as lagrimas, mas com um tom de completo desanimo; — que é-nos vedado alimentar o nosso amor. Não podendo eu offerecer-lhe senão um nome execrado e amaldiçoado, impossivel é vel-o algum dia corado. Entretanto, poderíamos ser ainda tão felizes, se, abandonado de todos, fugitivo, em risco de ser a todo o momento preso para expiar em profundas masmorras um momento de desvario, não me esperasse um horrivel futuro!... Quão dolorosos são estes pensamentos!... Amal-a, ser amado, e não poder fruir os encantos desse amor! Oh! inferno! que cruel martyrio!

— Sr. Fernão; — disse Margarida chegando-se para elle e travando-lhe meigamente da mão; — não desanime. Quando cercado de perigos e de todos abandonado, não se dirá, que um coração, que primeiro pelo senhor ha palpitado, o esquece e o repelle... não, por mais triste que seja o seu futuro, não deixarei de amal-o! Um castigo terrivel pesa sobre a sua cabeça, mas sirva-lhe de consolação o ver que é immerecido, porque não é possivel que quem, como o senhor, tem tão nobres sentimentos seja um impio. E depois, o caso não é desesperado... meu pai o estima... o pouco conhecimento que tem de suas qualidades, tem-lhe sido sufficiente para ser seu amigo, e assim

uma vez que elle se resolver a conceder-lhe a minha mão, tem valimento bastante com o reitor dos Srs. padres da companhia para fazer-lhe levantar a excommunhão, e pedir o seu perdão ao Sr. governador...

Fernando abanou a cabeça tristemente, e retrucou:

— Mas esse reitor é o meu maior inimigo...

— O reverendo Antonio Fortes?...

— Sim, minha bem amada, esse padre quer-me tanto como ao demo.

— Com effeito, esse odio... mas não importa... os rogos de meu pai, e mais as minhas lagrimas o hão de enternecer.

— Ah! Margarida! — tornou Fernando depois de um momento de reflexão, — se souberas o bem que me fazem as tuas palavras... se fôra possivel...

— E porque não? Tudo a quem ama é possivel... Para que desesperar?

— Tens razão, meu anjo! esqueçamos tudo, e entreguemo-nos sem receio ao nosso amor... Tu me amas, e tanto basta para eu ser feliz... Tu me amas... oh! sabes quantos thesouros de ventura encerrão estas palavras para mim? Ah! permitta Deus, que não seja um sonho!

— Um sonho? não, por certo! — exclamou ella em tom apaixonada. — Mas se é, juro que durará toda a vida...

— Dizes bem, minha cara Margarida, ha de durar toda a vida, porque tambem toda a vida amar-te-hei... Em meu peito hão de se extinguir todos os sentimentos de odio, de vingança e de ambição para nelle só existir o meu amor... o meu amor que será a minha estrella, o meu thesouro...

— E a nossa felicidade, não é assim?

— A nossa felicidade tambem, pois que m'o fuzes esperar...

— Deus é tão bom e tão misericordioso!

— E não ha de separar dois corações tão unidos como os nossos.

— E a virgem tambem nos ha de proteger se tenho tanta devoção com ella, meu querido Fernão?

— Não é ella o ideal do amor santo?... Ah! não mais tristes lembranças... tudo tenho esquecido... Agora, não curando do futuro, só devemos gozar do presente... Margarida! Margarida

oh! não sabes ainda quantos encantos ha de de ter o nosso amor!

— Mas sinto-o, porque... o amo tanto!

— E eu... eu... mas não... na linguagem humana não ha palavras que exprimão o que por ti sinto... é amor, gratidão, idolatria e devoção... Olha, se neste momento um raio me esmagasse, juro-te que morreria feliz como os anjos de Deus... morreria com o riso nos labios, olhando pela derradeira vez para o teu angelico semblante, e occupando contigo o meu ultimo pensamento.

— Ah! Fernão, você blasphema!

— O que seria a morte para mim! Um doce e pacifico somno que me ligaria a ti por toda a eternidade!... Ah! deixa-me ainda uma vez abraçar-te... deixa-me succumbir ao peso da minha felicidade... Morrer em teus braços, com os meus olhos fixos nos teus, e os nossos labios juntos, respirando o teu ardente halito, seria para mim dobrada ventura.

E o mancebo, em um frenesi amoroso, tomou a menina em seus braços, e cobrio-a de beijos. em quanto ella tremula e desfallecida, deixou-se escorregar a seus pés murmurando com voz suplicante:

— Fernão!

— Margarida! — exclamou elle sentindo a razão abandonal-o, inebriado por tanta ventura.

IV. — A suspeita.

Nenhum acontecimento importante veio perturbar por algumas semanas o socego que gozavam os dous jovens inteiramente entregues á embriaguez de seu amor.

Durante todo o dia occupado o Sr. Alonso em dirigir os trabalhos do engenho, poucas vezes apparecia em casa, e mamãe Maria, unica que poderia estorvar os seus entretenimentos, distrahida pelo serviço domestico, raramente os vinha incommodar.

Desta arte passarão elles esse tempo como dous ternos esposos passam a lua de mel.

Por mais felizes que nos consideramos, momentos ha na nossa existencia, em que o lado material predominando o ideal, a natureza reclama os seus direitos, e, ou o corpo se aborrece da inacção, se por ventura nella jaz, ou o espirito opprimido sob o peso dessa mesma felicidade, procura furtar-se á sua monotonia.

E pois Fernando, quando seus olhos cansados se de faltar a sua amante, e seus labios de beijal-a, sentia algumas vezes esse tedio, que produz o *far niente*, se nenhuma distração o acompanha; mas, insigne artista, e demais guiado pelo interesse do seu proprio amor, lembrou-se de occupar esses momentos tirando o retrato daquella, cuja imagem devia todavia nea... para sempre gravada na memoria.

(Continua).

ASCRIPÇÃO

Lê-se a *Tribuna Academica* seguinte artigo de achamos de subido merito o transcre-

Da Embolia.

*Nous gagnerons plus de nous
laisser voir tel que nous sommes,
que d'essayer de paraître
ce que nous ne sommes pas.*

La Rochefoucauld.

Leitores, o escrever para um periodico é uma das primeiras difficuldades que encontrão aquelles que se dedicão ás lettras, mórmente quando têm de preencher as columnas de algum, que poucos dias tem de existencia. N'este caso estamos nós com a *Tribuna*, a que ainda poucas intelligencias conhecidas das tres Escolas têm sustentado. Mas, como academico, temos o dever de render homenagem á ella com este trabalho, e alistarmo-nos, como sectarios da grande idéa suggerida aquelles dos nossos collegas para a sua creação, para assim ligarem os irmãos de insomnias e fadigas, convidando todos á desenvolverem os principios colhidos no estudo das sciencias.

A nossa appareição na arena da imprensa é demasiadamente precóce, porque nada podemos expender que seja digno do acolhimento dos homens de sciencia; porém, como a *Tribuna* á todos presta a sua valiosa protecção, nós tentamos escrever este artigo que submettemos á vossa judiciosa consideração, com a esperança de nossas faltas serem relevadas pela vossa indulgencia.

O phenomeno da oclusão de um vaso para um corpo estranho foi designado pela palavra *embolia*, formada da latina *embolus*, embolo, a qual tem permacido na sciencia desde a sua descoberta.

Para descrevermos a historia deste phenomeno, a que são devidos tao graves accidentes, muitos dados nos são precisos, apenas diremos que antes da descoberta de Harvey ainda não era conhecido; só depois, em 1684, 65 annos de conhecida a circulação do sangue, é que Guilherme Gould e Van Swieten, por estudos anatomicos sobre os vasos, depararão com corpos estranhos que necessariamente causarão obstaculo á circulação, e os denominarão.

Sorprehendidos por um tal achado perguntarão á si mesmos d'onde proverião taes corpos, e nunca poderão alcançar uma solução, nem mesmo os que lhes succederão.

Insolúvel permaneceu, assim como muitas outras, a questão da procedencia desses corpos até o nosso seculo, de que um dos luzeiros, queremos fallar de Virchow, fez conhecer ao mundo scientifico a resolução desse problema; e desta época, 1856, todos os medicos têm-se entregado ás investigações da *embolia*.

Segundo Virchow ella é o effeito de um outro phenomeno — a *thrombose*, em cujo estudo não entraremos pela diversidade de hypotheses que ha para explical-a, que só por si constitue materia para trabalho mais longo que este; todavia daremos aglumas noções sobre ella.

A *thrombose* é a coagulação do sangue em um vaso. Quando o sangue muda de estado parte do calibre do vaso fica vazia, que se preenche pouco a pouco com globulos sanguineos que se desprendem da onda que passa pelo tronco batendo de encontro ás suas paredes.

Estando já o calibre do ramo todo occupado, ainda os globulos vão-se applicando ao coagulo até constituirem um prolongamento para dentro do tronco; este prolongamento dá-se o nome de *thrombo*, da base quasi sempre pedunculada.

Dadas estas noções, prosigamos:

A onda sanguinea, com os seus choques, desprende fragmentos d'elle (*thrombo*), e muitas vezes arrebatado

Este transpo te é o que em Pathologia se denomina *metastase*.

E' desta sorte que se explicão os accidentes tão graves, de que somos victimas, ora a apoplexia, ora a paralyisia, etc., que vamos exemplificar.

Representando-se um *thrombo* em um ramo collateral da aorta, se forem desprendidas pequenos fragmentos d'elle, a consequencia não será mui grave, porém, se a onda sanguinea vier com grande impetuosidade, desarraigal-o ha e o levará para uma das iliacas, ou para o femoral, e temos immediatamente a oclusão. Interrompida que seja a circulação do membro, os seus tecidos resentem-se, pois que não são mais nutridos, e a consequencia é a paralyisia de um momento para outro, sem que o individuo saiba qual a causa que o prostrou.

Se o *thrombo* tem lugar em alguma das carotidas, interna ou externa, accidentes ainda mais graves podem-se dar — a apoplexia; e a perda de um orgão ocular, se elle é dirigido para a ophtalmica.

Se em uma veia, elle é conduzido ao coração e d'ahi para o pulmão onde obliterará indubitavelmente algum ramo principal, o que impede o phenomeno da *hematose*, e dá se a morte instantanea.

E' da oclusão de um vaso pulmonar, da *embolia pulmonar* que Velpeau, em 1862, communicou á Academia das Sciencias de Paris um grande numero de factos que corroborão o juizo feito de tal lesão, dos quaes transcreveremos alguns.

Diz elle que em poucos mezes, no hospital da Caridade, presenciou quatro casos d'esta especie: uma mulher morta de embolia pulmonar, após a existencia de varizes nas pernas; duas outras mortas da maneira mais subita; uma quarta de idade de 46 annos, de uma fractura de perna, cujo tratamento apresentava-se mui regular. Esta mulher foi affectada de repente, por dous ou tres minutos, de violentas palpitações do coração, deu um grito, tornou-se livida e cahiu morta.

Na autopsia, encontrou-se a arteria pulmonar quasi inteiramente obliterada, perto do coração, por um coagulo.

Com estes exemplos julgamos haver dito tudo quanto é necessario para o cabal conhecimento da embolia, e com elles terminaremos.

Porto Rocha.

POESIAS.

Quiz morrer!

A ***

Quiz morrer! Oh! que loucura!
Ir dormir na sepultura
Quando a viver começara:
Não ter forças, succumbir
Sem ao menos resistir
A' magoa que me prostrara,
Fôra baixeza inaudita,
Que pelos homens maldita
Minha memoria manchara!

No entanto eu quiz morrer.
Vi a morte, sem tremer,
Apres a caminhar:
Faci o céu apoz vel-a,
E em uma estrella

Vi entre as nuvens brilhar.
Perto já do negro abysmo
Olho, escuto, paro e schismo;
Me sinto desanimar.

Para morrer era cedo,
O tumulto me causou meio,
Ante o tumulto trepidei:
No excesso do delirio
Motivado do martyrio
Que te amando procurei,
Eu vacillava, eu tremia,
Sómente não me esquecia
De que ao ver-te adorei.

Viver me era preciso:
Ou inferno, ou paraíso
No mundo ficar devia!
Se nelle vi-te sonhando,
Se andava peregrinando,
Tendo uma sombra por guia,
Como assim abandonar-te,
Sem ao menos confessar-te
Que só por ti eu morria?

Era, pois, mister coragem;
Não suspender a romagem,
Por Deus me fôra ordenado.
Embora em lucta constante
Na terra vagasse errante
Buscando meu filho amado,
Deveria proseguir,
Não parar, sempre seguir
No caminho demarcado.

E eu segui sem parar,
E não busquei descansar
Naminha longa jornada:
Supportando magoa intensa
Eu cumpro essa sentença
Que por Deus fôra lavrada;
E agora que encontrei-te
Tão bella como sonhei-te
Seras por mim sempre amada.

Thomaz Cameron.

Amor e scepticismo.

(NO ALBUM DE M. E.)

Se amor é fogo que se inflamma n'alma
Quando opprimido a paixão suspira,
Eu sinto amor, é só d'amor que vivo,
E' só por elle que inda impulso a lyra!...

Sinto no peito dolorosas mágoas,
Tristes lamentos que só eu escuto:
Se pranto e dôres são d'amor o facho
E' por amar que meu viver enluto!

Ai!... eu bem sei que da paixão a flamma
Ha de roubar-me bem depressa a vida!
Depois, que a sabe? se terci na campa
O doce pranto da mulher querida?...

Não! já não creio que amor exista!...
Eu só comigo illusões fataes!...
Juras, que o riso do venismo quebra!

Fugiu-me a esperança, já não tenho crenças,
Tornei-me sceptico, amo a vida assim!...
Quando da morte me cubrir o manto
Sei que ninguem se lembrará de mim!...

Tudo no mundo é fa-laz satânico,
Risos são dôres, o prazer chimera,
Avida um cofre de segredos mysticos
Que ninguem sabe nesta immensa esphera!

Figueiredo Cardozo.

VARIEDADE.

A MULHER PERDIDA

Primeiro ensaio de prosa

POR

JOAQUIM PEREIRA DE ALMEIDA.

*A mulher perdida não deve
Neste mundo ser olhada.
Senão como mulher baixa
Que vive bem desgraçada.*

(JOÃO VENTURA CARLOZO).

I

Ao raiar da aurora em dia alegre e festivo para a tua familia, despontou para ti o primeiro dia de villa, entre a alegria e o prazer de teus pais, que se julgavão assás felizes, ao verem o primeiro fructo dos seus amores matrimoniaes. Oito dias depois, ias ser mais uma filha de Christo recebendo os santos oleos do baptismo.

Correrão rapidos os teus dias, amontoando anno sobre anno, passando a tua existencia em um prazer continuado nos braços dos teus progenitores, que se julgavão assás felizes ao ver-te crescer tão formosa como um anjo do céu.

Dous lustros pouzavão na tua angelica fronte quando te vi... Olhei-te e logo desejei ter uma lyra, na qual podesse cantar a tua innocencia, innocencia? que pouco tempo tinha que pouzar nos arcanos da tua alma, que tinha de vir a ser mirrada, pelo bafio das orgias e lupanares, passadas em ricos salões: nos quaes só se respira um ar empestado, igual ao dos lugares immundos da prostituição!...

Vendo-te crescer contei os teus dias um a um, e vendo-te tão virgem, tão casta e bella, anhelei concentrar-te no meu coração, para, desta maneira te arredar da senda que seguias: desejei amar-te... mas, quem era eu para poder gozar o teu amor?... ninguem! Oh! eu não tinha ricos palacios para te offerter, nos quaes podesseis passear alegres dias; mas, como meus, tinha um coração, com cuja posse podesseis ser muito feliz... Cresceste, e quando já contavas tres lustros, ouzei levar a minha debil voz ao pé de ti, e dizer-te o que o meu coração sentia. Lallei e tu me ouviste, prestaste attenção ao que eu te dizia, e vivendo-me ao lado...

seste algumas pudicas palavras, que troucerão ao meu coração um praser immenso.

Eramos feliz... pouco tempo, porém, era passado desde esse dia, quando te vi andar de salão em salão, de baile em baile, de theatro em theatro; vendo ao mesmo tempo fugir de ti, aquella candidez, que te fazia a meus olhos um anjo, vendo também fugir do teu rosto as flores da innocencia! Então deixaste de olhar-me, deixaste de fazer caso daquelle que verdadeiramente te amava, para ouvires as lisongeiros e enganadoras fallas desses jovens galantes, que se sustentão nos salões e bailes, para dizerem o que lhe vem a mente em phrases elegantes, com a unica tenção de seduzirem aquellas jovens, que inexperiente se deixão arrastar pelas fallas desses homens seductores! No momento em que assim te vi, chorei, não por mim, nem por te haver perdido, que isso era nada para mim, com tanto que te visse ser feliz; mas por ver que te atiravas ao torbilhão desses jovens seductores, que só anhelavão cortar-te a ultima flor de innocencia que tu tivesses! Ao ver isto disse comigo: — Perdi-a, o anjo que eu pensava ser Archânjo, deixou de o ser, para ser mulher.

(Continúa).

COMMUNICADO

PALESTRA.

E' noite. A briza açoitando brandamente as folhas de alguns arbustos floriferos, n'um retiro elevado, fronteiro a magnifica bahia fluminense, lança pela immensidão dos ares um murmurio suave!... Que é isto? Acaso estarei dando começo a algum romance?... Que asneira para uma palestra!... Emfim que vá! O leitor também as diz (e quantas vezes?!...)

Agora é que vou principiar sem preambulos.

Estimadis... Máo! isto é materia velha... E' que para fallar a verdade não sei como principiar! Ah! agora sim, dei em cheio! Ainda não ouvistes fallar na musica allemã, que tem posto muito estúpido de bocca aberta? Não? pois é pena.

Na segunda-feira ultima passei ao ver um annuncio em que Mr. Rosehen convidava a rapaziada a passar a noite no seu magifico salão, enlevando-se no chique da quadrilha, no fervor da polka e no delirio da walsa. Fui immediatamente, passado o meu primeiro espasmo, á casa da priminha, aquella *vestal cujo pudor e virtude* me tem assombrado! Estava-se penteando quando lá cheguei.

— Venho convidar-te para um passeio á noite, accitas?

— Não.

— Não sabes o que perdes.

— Pouco me importa com isso.

Neste momento começou a fazer os requebros mais embriagadores possivel.

— Que é isso, prima, deliras? lhe disse eu.
— Qual delirar; estou disfrutando o prazer antes de chegar.

— Decedidamente não me acompanhas á noite!
— Certamente. Hoje vou á Santa Thereza. Temos musica extraordinaria; o baile ha de estar sublime.

— Bravo! Era para ali mesmo o meu convite!

— Bravissimo! Estou prompta!

O sol chegára ao seu ocase; apparecêrão na abobada celeste ás primeiras estrellas, e eu dando o braço á querida priminha breve alcancei o cimo da ladeira de Santa Thereza. Os nossos primeiros olhares dirigirão-se para o salão; estava illuminado, e pelo silencio que se notava deprehendia-se que a musica ainda não estava.

Com effeito, ao approximarmos-nos, fomos cumprimentados por duas *jovens* que logo nos disserão o que havíamos supposto.

LUCRECIA: — Aqui tem uma cadeira; sente-se Eliza!

Minha prima sentou-se.

JOANNA: — Hoje temos isto floreado. Veja, tão cedo e já tanta gente. Espera-se a musica com impaciencia.

ELIZA: — Eu entro no numero dos impacientes. Jáha tanto tempo que aqui não venho!... D'ora avante não me escapa nem um só baile. Ah! que faz aquella velha, alli?

LUCRECIA: — Está pescando. coitada! ninguém se occupa a pescal-a.

ELIZA: — Como?

JOANNA: — Então ainda não a vio aqui, vez nenhuma. Pois ha muito tempo que ella é constante. E' uma das partes rediculas do baile, apesar de que não dança mal!

ELIZA: — Dançar?! Pois aquella coruja ainda dança? Ah! ah! ah! Muito tenho que me rir logo!... E aquella de olhos azues que está olhando tanto para mim?

LUCRECIA: — E' a dona da casa, não a conhece?

JOANNA: — E' uma senhora prestigiosa, affavel, e muito affeioada aos frequentadores e frequentadoras d'este salão.

ELIZA: — Ah! sim, agora me recorde! Aquellas duas meninas são as suas filhas? Como estão crescidas!...

— E' verdade, disse eu tambem. Ambas são boas meninas; a mais nova com especialidade. A outra desde que principiou a sentir os tiques e taques da paixão, só os oradores lhe vêem o riso!...

Neste momento ouvirão-se ao longe algumas notas perdidas cujo echo a brisa trouxera até alli. Pouco depois os gritos confuzos dos amabilissimos oradores de Melpomene (se é que esta musa presidia á dança) fizerão comprehender que a espantosa musica se approximava.

De facto, foi extincta a impaciencia de todos. Os desejados musicos entrárão no salão com ar grave e gesto soberbo.

— Vamos á walsa, vamos á walsa! repetirão muitas vozes.

Eu não me quiz massar, mas a minha linda

prima que não perdera nenhum compasso, chegou-se a mim arfando de cansaço:

— Ai!... Isto é bello, primo! é encantador!...

E dizendo isto dilactava os labios de um modo fascinador, dirigindo para um dos lados, um aceno acompanhado de requebros lascivos.

— Olé! lhe disse eu, fizeste alguma conquista?

— Fui conquistada. Estou-me entregando ao meu vencedor! Não vês aquelle sujeito de paletó sacco, primo?

— Aquelle que está conversando com outro de chapéo de palha, não?

— Justamente. Esse leva a palma a quantos Adonis me têm feito a côrte! Que olhos! que modo de dirigir o ataque. Estou vencida!

Esgotei os meus esforços, primo. O vencedor decapreza, o libertador da Italia não encontrou por certo tanta resistencia em Gaeta!... Alfin succumbi!...

— Mas aquelle é o mestre-sala do baile?

Devêras?! Vou segui-o, entregar-lhe o meu destino!...

Ouvio-se o signal para a quadrilha. Fui dançal-a com minha prima, e achando-me cansado logo na primeira parte estranhei. Senti uma multidão de gargalhadas e ditos espirituosos.

— A musica está boa para puxar batalhões, dizia um.

— Estavão tecando maquinalmente, accrescentou outro.

— Pelo que eu vejo, ajuntou uma Deosa, se não bato palmas, ainda a primeira parte estava principiando.

Repetirão-na oito vezes!... E são, (dizem elles) grandes musicos!

— Meus amiguinhos, disse outra, a vossa prolongada ausencia trará a nossa consolação!

A musica, longe de satisfazer, desagradou a todos. O baile foi bastante concorrido, e a dona da casa ainda uma vez se tornou credora da gratidão publica!

Quando cheguei em casa, minha prima fallou-me, isto é, contou-me certos pratinhos bonitos sobre uma velha gorducha e cerrima frequentadora do baile, que dizem ser casada, mas que vive com um homem que nunca foi seu marido! Diz-se tambem que é uma mulher forte, que gosta de por e dispor, e não admite leis que a dominem! Poderíamos dizer alguma coisa sobre isto; abstemo-nos porque o leitor não ha de ser estranho a esta notabilidade.

Prima, sabes que não fui aonde me incumbistes, porque disserão-me que devia tomar outro expediente, assim resolvi-me voltar, e encontrei-me com o Affonsinho, aquelle menino bonito que tem uma belleza extraordinaria quando anda no rigor da moda, etc., etc.

— Então já sei que o primo lhe fallou naquellas celebres cadeiras que deve ao Sacramento, do seu beneficio?

— Qual, prima, em tal não cahia eu, porque se lhe fallasse, elle me responderia logo com um já *paguei*. Mas, prima, deixemos de nos occupar com esse protheu da nova escola dos que gostão de ver espectaculos á custa da barba longa.

Sabes que na volta, embarquei na gondola *Alabama*, e lembrei-me logo do famoso artigo do *digno* artiguista do *Nauta Destemido*, a respeito da Emilia das Neves, já o tornaste a lêr, prima?

— Já, primo, e digo-te que, se o piloto do-trafficantes não tivesse tão bom lugar entre os famosos objectos de sua comitante caterva, não se arrojaría escrever daquella maneira!

— Qual! prima, o sermão veio de encommenda e já que fallamos nisso, tenho a dizer-te que, apesar de já estar qualificado como mestre das tranquillibernas, nem por isso acho proprio o nome que lhe dão e que elle mesmo reconhece; pois sabes perfeitamente, que o tal traficante, por um vintem de laranjinha não se peja de diffamar qualquer no seu immenso papeluxo.

Agora resta saber se esse pobre diabo mettido na carreira das tranquillibernas já teve léo de ir á Europa ver trabalhar os primeiros artistas para avançar a uma tal proposição?!

Que disparate!... Olha, prima, aquelle artigo não foi senão forjado por alguns dez tostões que lhe dêrão, e por isso todo o homem (digo mal), todo o bicho que se vende não pôde ter acção e só serve de instrumento de seu senhor!...

Assim aconteceu ao tresloucado traficante, que para bem servir quem lhe paga, não se importa ferir reputações illibadas.

— Mas, primo, esse homem ou bicho, como tu chamas, tem alguma posição na sociedade?

— Ora, prima, pois te estou dizendo do que elle vive, e assim acredita que este affeminado espantalho, não teve, nem nunca ha de ter posição alguma.

— Primo, vou-te pedir um grande obsequio.

— O que é, prima?

— Deixa-te de occupar mais tempo com esse mesquinho *manicaco*.

— Dizes bem, prima.

Morpheu intimou-me ha mais de uma hora para sujeitar-me ao seu imperio; não lhe dei importancia, mas agora agarrou-se a mim com unhas e dentes, por isso não tenho remedio senão entregar-me ao colchão. — Até Domingo.

Dr. Sinfronio.

AVISO.

Requamos aos Srs. assignantes não pagarem as suas assignaturas senão á vista de recibo impresso, e firmado pelo abaixo assignado

Antonio Vieira de Almeida Azevedo

Typographia de Domingos Luiz dos Santos.

Rua Nova da Moura n. 20.